
A SUBJETIVIDADE EM DISCURSOS DE PROFESSORES FORMADORES DO NEAD/UESPI: UM ESTUDO NO GÊNERO ENTREVISTA

Raimundo Isídio de Sousa (UESPI)
risidios@yahoo.com.br

Marcos Paulo de Sousa Araujo (UESPI)
mpauloaraujo@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, analisa-se o sujeito discursivo na perspectiva da Análise de Discurso pecheutiana tendo como suporte o gênero entrevista; para tanto, pesquisar-se-á como a subjetividade está manifestada no discurso, mostrando o engajamento ou não do sujeito com o que diz. O *corpus* utilizado é oriundo da pesquisa PIBIC/UESPI, realizada no período agosto/2013 a agosto/2014, em que foram entrevistados três professores formadores do Núcleo de Educação a Distância (NEAD) da Universidade Estadual do Piauí. Parte-se do pressuposto de que os gêneros são práticas de manifestações discursivas que materializam atos languageiros realizados pelos sujeitos segundo as condições de produção do discurso. Essas práticas interpelam os sujeitos social, histórica e ideologicamente. Os teóricos que fundamentam o estudo são Benveniste (2005), tratando da natureza subjetiva da linguagem; Pêcheux (2009) e Pêcheux e Fuchs (2010), apresentando a forma-sujeito, a formação discursiva e a formação ideológica; Authier-Revuz (2004), tecendo as heterogeneidades enunciativas e Bakhtin (1997), abordando as formas primárias e secundárias, bem como a estrutura do gênero do discurso. Em análises, constatamos que os sujeitos-professores falam com um domínio evidencial ancorados nas suas práticas pedagógicas, bem como utilizam os pronomes *eu*, *você*, *a gente* e *nós* para marcar não somente a subjetividade, mas a alteridade, a presença do outro, do não-eu.

Palavras-chave: subjetividade, discurso, educação a distância.

1 Introdução

Falar de subjetividade é fazer uma análise de como o sujeito se presentifica em determinadas situações sociais e discursivas. É por meio da linguagem que o indivíduo se torna sujeito e é a instância que dá ao sujeito a ilusão de que seus posicionamentos partem de uma carga e efeito psicológicos, como se ele fosse fonte do seu dizer. Dessa forma, o “autodomínio” do sujeito não é matéria da análise do discurso de tradição pecheutiana.

Existem várias áreas do conhecimento científico que discutem acerca da questão do sujeito, como a Psicanálise, a Sociologia, a Antropologia, aqui, porém, faremos alguns entrelaçamentos acerca de duas vertentes de uma dessas áreas, que é a Linguística. As

vertentes são a Análise do Discurso, doravante AD, e a Enunciação, na perspectiva de Benveniste.

O principal objetivo deste trabalho é analisar como a subjetividade está manifestada em discursos de professores formadores do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Piauí, mostrando o engajamento ou não do sujeito com o que diz. A análise tem a perspectiva pecheutiana e inicialmente faremos uma abordagem da subjetividade em Benveniste (2005) e depois em Pêcheux (2009), Pêcheux e Fuchs (2010) e em Authier-Revuz (2004).

Os gêneros são práticas discursivas que materializam a linguagem sob determinadas condições de produção e é, a partir dessa ideia, que mostraremos como o sujeito se mostra presente, engajado em sua enunciação ou se desidentificando com aquilo que diz.

As análises serão feitas no *corpus* extraído da pesquisa PIBIC/UESPI, cujo título é “As representações sociais em discursos de professores formadores do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Piauí sobre ensino e modalidade de Educação a Distância”, realizada entre agosto de 2013 e agosto de 2014.

2 A subjetividade na linguagem

A linguagem é inerente à natureza humana, e o homem, ao utilizar a linguagem, o faz por meio de gêneros discursivos. De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros são “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” e classifica-os em formas primárias e formas secundárias. A primeira pode ser caracterizada como um discurso simples, que é necessário à sociedade e que existe informalmente entre os interlocutores; por exemplo, um diálogo entre os cônjuges ao amanhecer do dia. Já a segunda trata de tipos mais elaborados, complexos que ocorrem em uma esfera de comunicação mais formal, como por exemplo, um “romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico” (BAKHTIN, 1997, p. 282), a entrevista etc.

Os gêneros discursivos são, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 251), “gêneros situacionais”, cuja noção considera ora “de modo preferencial, a ancoragem social do discurso, ora sua natureza comunicacional, ora as regularidades composicionais dos textos, ora as características formais dos textos produzidos”. Nesse caso, a entrevista é um gênero situacional caracterizado pela sua natureza de comunicação, adequado à discussão

sobre a subjetividade dos professores a que nos propomos, por possibilitar ao sujeito maneiras de dizer diante das condições sociodiscursivas da interação verbal.

Na interação verbal, os sujeitos discursivos deixam marcas de sua subjetividade, que é constituída numa relação enunciativo-discursiva entre o Eu e o outro, pois não podemos referir-nos a um sem considerar o outro. Partimos do pressuposto de que o sujeito está em todo enunciado, discurso, até nos enunciados, ditos objetivos, modalizados ou não.

Para tornar-se sujeito, o indivíduo passa pela (para) instância do discurso, por meio da ideologia, lugar onde são instauradas múltiplas formas de subjetividade, seja na relação do Eu com o Tu, seja na relação do eu consigo próprio.

Benveniste é um dos primeiros teóricos a trabalhar a subjetividade. Segundo o autor,

é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'. A 'subjetividade' de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito' (BENVENISTE, 2005, p. 286). (destaques do autor).

Benveniste, numa perspectiva linguístico-estrutural, traz uma discussão que instaura a subjetividade relacionada à noção de pessoa do discurso na cadeia enunciativa, pois "Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*" (idem, p. 286). Acrescenta ainda que "A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso (idem, p. 286) e o sujeito se manifesta na enunciação, que é "este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (idem, p. 83).

E afirma que:

[...] Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 2005, p. 84).

A enunciação é instância que possibilita a concretização do discurso pelo sujeito, por meio da língua. Fazem parte da enunciação, segundo Benveniste, os dispositivos da pessoa, do tempo e do espaço. A pessoa é o Eu, que se alocuciona com um Tu; o tempo é o presente, o agora, e o espaço, o aqui. As pessoas são somente o Eu e o Tu, pois estas podem enunciar-se; o *tu* (o alocutário), quando enuncia passa de segunda para primeira pessoa (o locutor).

Para Benveniste, *ele* (terceira pessoa na gramática normativa) é uma não-pessoa, pois não pode enunciar e se encontra fora da locução.

Na Análise do Discurso (AD), temos um sujeito que é afetado pela ideologia e, mesmo que o sujeito enuncie Eu, não necessariamente significa que ele é o sujeito de seu discurso, pois o sujeito em AD é assujeitado, clivado, heterogêneo e incompleto. Nesse contexto, há uma diferença entre a noção de subjetividade em Benveniste e nos teóricos da AD, de tradição francesa, especialmente Pêcheux. Para Benveniste, a subjetividade remete-se à individualidade, à pessoalidade; já, para Pêcheux,

[...] o sujeito se constitui pelo 'esquecimento' daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito) [...] (PÊCHEUX, 2009, p. 150).

A constituição e o reconhecimento do sujeito se dão na Formação Discursiva (FD), que é a instância na qual os sentidos são produzidos, mediante certo controle do que o sujeito deve dizer, ou seja, busca estabelecer regras de formação dos discursos, embora não seja a FD uma camisa de força que marca a homogeneidade discursiva, pois uma FD é heterogênea nela e por ela mesma, tanto estabelecendo relações de conflito quanto de aliança.

Pêcheux concebe a FD como

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX, 2009, p. 147) (grifos do autor).

A FD materializa a Formação Ideológica (FI), que governa a FD. Segundo Pêcheux e Fuchs,

[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem 'individuais', nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 163) (grifos do autor).

No funcionamento do discurso, Pêcheux e Fuchs asseveram que o sujeito é afetado por dois esquecimentos: o de número 1, em que o sujeito pensa em ser a origem do dizer, apagando inconscientemente o que pode deslocá-lo do centro do dito, sendo afetado pela

ideologia; já o de número 2, em que o sujeito pensa que tem o controle do significado ou dos efeitos de sentido das formas ou falas selecionadas no/para seu discurso, ao priorizar umas e não outras, de maneira mais ou menos consciente.

Para Pêcheux e Fuchs,

O sujeito pode penetrar conscientemente na zona do nº 2 e que ele o faz em realidade constantemente por um retorno de seu discurso sobre si, uma antecipação de seu efeito e pela consideração da defasagem que aí introduz o discurso de um outro (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 176).

O sujeito pensa que todos os coenunciadores compreenderão o sentido das palavras de forma una. A área do esquecimento nº 2 mostra o sujeito numa posição enunciativa: “eu sei o que eu digo”, “eu sei do que eu falo”, configurando-se, conforme Pêcheux e Fuchs (2010, p. 175), “a fonte da impressão de realidade do pensamento para o sujeito”.

Para contribuir com a discussão sobre a subjetividade, trazemos Authier-Revuz (2004), que trata sobre as heterogeneidades enunciativas, formas de como o sujeito se relaciona com o outro, ou melhor, de como o sujeito evoca o outro na constituição de Eu. Nesse sentido, destacamos que a subjetividade pode ser manifestada com o chamamento do outro pelo sujeito, marcando ou não aquele na rede do discurso.

Ela subdivide as heterogeneidades em constitutiva e mostrada. Na constitutiva, o sujeito outro não é explicitamente visibilizado, marcado; enquanto, na mostrada, o enunciador dá pistas ou marcas linguísticas da presença do outro no fio do discurso. Ambas as heterogeneidades parecem estar em concorrência, pois, na primeira, o sujeito tem a ilusão de ser uno, o centro do dizer, apagando ou obscurecendo o outro; enquanto, na segunda, ele o materializa, citando-o ou marcando-o linguisticamente.

Esse modo de funcionamento da heterogeneidade permite ao sujeito ter a ilusão de ter o controle e os efeitos do dizer, mas é ambígua essa relação, porque ele não é a fonte do discurso e sim é afetado pelas condições de produção, é determinado ou interpelado pelo meio social, pela ideologia, condição necessária para que o indivíduo se torne sujeito do/no discurso. Enfatizamos ainda que a incompletude do sujeito é manifestamente condição de sua existência. E é nessa relação que o sujeito se institui ou é instituído e provoca os efeitos de sentido. Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentido.

A seguir, faremos as análises das sequências discursivas, destacando inicialmente as considerações sobre a construção do *corpus*.

3 Nas trilhas da subjetividade

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O *CORPUS*

O *corpus* foi extraído de três entrevistas que foram, inicialmente, gravadas e depois transcritas, e os sujeitos entrevistados tinham experiência como professores formadores (aqueles que ministram as disciplinas na plataforma *Moodle*) do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Piauí. Na interação com os sujeitos-professores, foi mister informar-lhes acerca do objeto discursivo – concepção de educação a distância no âmbito da Universidade Estadual do Piauí – nas mais específicas formas de operacionalização dessa modalidade de educação.

Para evitar a identificação dos sujeitos, utilizamos a seguinte codificação: AR, BM e CN, sendo que a primeira letra é do alfabeto, e a segunda é a primeira do prenome do entrevistado. O primeiro professor é licenciado e doutor em Pedagogia, tem 35 anos de serviço na área de educação e dois anos de experiência na modalidade de Educação a Distância (EaD); o segundo é licenciado e especialista em Matemática, tem seis meses de experiência em EaD e não respondeu à questão que tratava do tempo de tempo de serviço que possuía na área de educação, e o terceiro é licenciado e especialista em Língua Inglesa, tem quatro anos de experiência em EaD e 23 anos de serviço na área educacional.

3.2 DESCORTINANDO O SUJEITO: FUNCIONAMENTO E EFEITOS DA SUBJETIVIDADE

A subjetividade foi manifestada de várias formas. Os sujeitos-professores enunciaram numa posição que os colocava, muitas vezes, como tendo o controle do dito, por estarem pautados em suas práticas pedagógicas. Entretanto, nem sempre as formas de personalidade empregadas: os pronomes *eu*, *a gente*, *nós* e *você* mostraram a subjetividade ancorada no próprio sujeito, mas em outros.

Observamos que o discurso dos professores movimenta-se em duas formações discursivas: uma favorável e a outra não favorável à Educação a Distância. Vejamos as sequências discursivas extraídas da questão sobre as concepções que os professores tinham acerca do que é a EaD.

(1) Bem, **nós** sabemos que a educação é das ciências. Tem pessoas, tem autores que chamam ciências, outros chamam teorias, mas é uma, **digamos** que, seja uma área do conhecimento de grande importância, porque à medida que **nós**. todos **nós** passamos por educação ou formal ou informal. A educação formal é aquela que **nós** recebemos nas, nas, nas, nas escolas, na universidade, ou seja, essa formação em que tá sistematizada uma formação sistematizada daí nome de Educação formal. E a educação informal é aquela que recebemos das nossas casas, da igreja, dos nossos amigos e é essa educação também informal que **nós** temos por objetivo maior procurar ver uma educação de maior qualidade, de melhor qualidade, que forme para vida. (AR) (grifos nossos).

O sujeito-professor se manifesta numa relação de alteridade, referindo-se inicialmente a “nós” (eu + tu + ele) e depois a “pessoas”, “autores”, para, depois, apresentar uma concepção sobre educação. Utiliza “nós” e os verbos na primeira pessoa do plural como forma de envolver-se com o que diz ou mostra, bem como estabelecer uma proximidade com o entrevistador.

A forma *digamos* revela certa reformulação pelo sujeito-professor para os conceitos anteriores sobre educação (“ciências”, “teorias”). Nesse sentido, o sujeito aciona o esquecimento nº 2, pois, de acordo com Pêcheux e Fuchs,

na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar ‘o que pensa’ e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que essa zona nº 2, que é a dos processos de enunciação, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 176).

Noutro aspecto, o sujeito-professor movimenta, em seu discurso, informações acerca do que é educação formal e informal sem reportar-se a autores que classificam ou que conceituam as formas de educação. Sabemos que o sujeito-professor não é o primeiro autor que aborda esse assunto. Com efeito, postulamos que há, no *modus operandi* do discurso, um esquecimento do sujeito, apagamento do outro na rede de discurso ou uma consideração em relação à desnecessidade de explicitar o outro propriamente dito, uma vez que o sujeito-professor pode considerar esse tópico simples e ser do conhecimento geral das pessoas, principalmente pelos sujeitos entrevistadores. Essa forma de instituir-se sujeito é parte constitutiva da subjetividade, relacionando-se com a alteridade. De acordo com Authier-Revuz,

Assim, não há centro, para o sujeito, fora da ilusão e do fantasma. Todo sujeito está sujeito ao fantasma, e a ilusão do centro é sua 'tendência'. [...] O que exprimem a clivagem do eu e o descentramento do sujeito, a barra que se imprime sobre seu ser, é o impossível do centro fora do lugar do fantasma. Mas essa ilusão é *necessária* e normal para o sujeito: é o que Freud designava como a '*função de desconhecimento*' do eu (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 66).

Assim, o sujeito do discurso é tido como um fantasma, uma ilusão de ser o dono do dizer. O fantasma não tem corporificação enquanto o sujeito é construído e manifestado na e pela linguagem, no discurso. Nessa relação sujeito/fantasma, apresentamos um trecho da fala do sujeito-professor em que cria ou cita a fala de aluno. Vejamos:

(2) Que à medida que o professor dá o... ministra o conteúdo e o aluno por sua vez diz: '*Ó, professor, esse conteúdo que você está falando agora, na prática eu fui vê se isso, isso, isso...*' Aí você faz uma ponte entre o conteúdo ministrado e o contexto sociocultural do seu aluno. Então você ver o quanto o seu aluno...o professor: '*Ah..*' O professor também está aprendendo, né? O professor também está aprendendo. O professor é um aprendente, o aluno é aprendiz, o professor também, não é? (AR) (grifos nossos)

O sujeito-professor instaura a presença do outro no seu discurso, construindo citações ou manifestações do potencial aluno da modalidade regular de ensino. Esse mecanismo revela que a alteridade não é exterior ao discurso do professor, mas é constitutiva do discurso dele, mostrando, por conseguinte, que é um sujeito heterogêneo que ora fala como sujeito enunciador ora se posiciona como coenunciador, ao retomar ou criar a fala do aluno. Nesse processo de discursividade, temos: o Eu enunciador - aluno instaurado na fala do professor - e um Tu - representado pelo enunciador-professor - e um outro Tu - representado pelo entrevistador -.

A citação a trechos de fala do aluno do ensino regular mostra a familiaridade do sujeito-professor com a situação vivenciada em sala de aula, o que lhe evoca a condição de autoridade para trazer o outro em seu discurso. O professor tem legitimidade para falar sobre educação, e a inserção do discurso do aluno, mesmo que potencializado, no discurso do professor evidencia que este enuncia a partir de um lugar estabelecido na sociedade, pois ele tem *status* e se manifesta numa instância que tem voz social.

A forma-sujeito professor define como seu parceiro de interlocução no discurso o aluno, para quem estabelece o lugar do não-eu, o que lhe dá a ilusão de ser o centro e senhor da produção do discurso.

(2) A desvantagem que **eu** acho não existe, não existe, mas, assim, se tiver essa, que essa distância, mas se houver momentos presenciais acho que completa, né?, porque acho que não tem como ter desvantagem se **você** está oportunizando a pessoa que não tem tempo de estar numa sala de aula por “n” motivos, você levar a uma formação. (AR) (grifos nossos).

Nesta sequência discursiva, o sujeito-professor nega inicialmente haver desvantagem na modalidade de EaD; entretanto, logo após, reformula seu dizer, utilizando o conector discursivo “mas” + “assim” para contrapor o que disse, o que provoca um desejo de o sujeito tentar controlar o dito, os efeitos de sentido no discurso. O encadeamento do “mas” traz uma nova perspectiva ao sentido anterior (então, é outro sentido) e carrega uma desarticulação com o efeito de sentido inicialmente provocado. Na realidade, o sujeito-professor quer informar que a desvantagem é a falta de encontros presenciais, mas reformula essa noção e tenta apagar o que pode caracterizar como desvantajoso para a modalidade.

Em seguida, introduz, no seu discurso, o modalizador “acho” para denegar a ideia da desvantagem, alinhando-se a uma crença de que “não tem como ter desvantagem se você está oportunizando a pessoa que não tem tempo de estar numa sala de aula por ‘n’ motivos, você levar a uma formação”. Dessa forma, o sujeito-professor traz a forma “você” como um elemento genérico da alteridade, podendo, numa perspectiva estrutural, até ser substituído por “alguém”, mas, na perspectiva da AD, não falamos em substituição, mas na inserção do outro no discurso do eu, o que evidencia o caráter heterogêneo da subjetividade.

Destacamos ainda que o sujeito-professor se posiciona num lugar de uma forma-sujeito que remete a um sujeito institucional, pois desfaz a ideia da desvantagem e constrói uma justificativa pautada na ascensão social: a oportunidade de formação é superior à falta de encontros presenciais.

Esse *ir* e *vir* no discurso mostra um deslizamento do sujeito e, ao mesmo tempo, revela uma necessidade de dominar o dito, considerando a ilusão que tem como unidade do sujeito. Também percebemos que o sujeito-professor movimenta o Esquecimento nº 2, que é da zona do semiconsciente, da enunciação propriamente dita.

Um dos lugares de onde o sujeito-professor enuncia é vitimando-se e colocando determinadas responsabilidades no outro (o aluno), ao mesmo tempo em que se mostra na ilusão do controle do dizer.

(4) um monte de tutores pra cada núcleo, agora **eu** não sei se eles ficam direto lá, não é, porque têm uns daqui que vão pra lá, pra aplicar essas provas

e tirar as dúvidas, e na on-line os fóruns, é pra **eu** também entrar nesses fóruns, pra **eu** sempre tá abrindo, mas eles não, **eu** percebi, que eles só dão mais entrada pro tutor, **acho** que eles se sentem mais à vontade, porque eles têm um contato direto, né, então **a gente** ele não tem um contato direto (BM) (grifos nossos).

O sujeito-professor mostra desconhecer parcialmente a metodologia da EaD, ao dizer “eu não sei se eles ficam lá, não é, porque têm uns daqui que vão pra lá [...]”, ao tempo em que se distancia da certeza do que diz para colocar em polos distintos os papéis dos tutores e de professor.

Traz a responsabilidade para ela entrar nos fóruns: “[...] é pra eu também entrar nesses fóruns, pra eu sempre tá abrindo, mas eles não [...]”, mas justifica o não acesso (mesmo que fosse para entrar, abrir, o que significa que não faz) pelo não direcionamento dos alunos ao professor e sim somente ao tutor, pois a este “eles têm um contato direto”.

A subjetividade, no discurso deste sujeito-professor, está instaurada no distanciamento e na falta de reconhecimento do outro, que é aluno, mesmo empregando o “eu”. O aluno é categorizado por “eles” e “ele” como formas de estabelecer o afastamento e a responsabilização do não acesso do sujeito-professor aos fóruns. Nesse sentido, consideramos o que diz Orlandi (1988, p. 15) acerca do mostrar-se no discurso, conforme vejamos: “se pode falar dos outros para falar de si, pode-se falar de si para falar de outros e pode-se falar de si para falar de si”.

O sujeito-professor também utiliza o pronome *a gente*, que geralmente indica uma pluralidade de pessoas e, neste caso, seriam outros professores formadores, mas, no contexto de fala, representa o próprio sujeito: o eu, mostrando que os alunos não mantêm contato com o professor, mesmo tendo a obrigação de acessar, participar dos fóruns.

(5) Agora o material didático é isso, o material didático é bem elaborado, quando o professor conteudista elabora o material, ele entrega, aí passa pra gráfica aqui da UESPI, pra gráfica imprimir, e às vezes já aconteceu de o aluno não receber material, aí a coordenadora, a gente ia lançando aos pouco as unidades pra eles irem começando a fazer pra poder não perder tempo e eles desesperados, **eu** disse: **calma gente, calma que a coordenadora tá colocando pra enviar** (BM) (grifos nossos).

Na sequência discursiva, o sujeito-professor constrói um dito na narrativa, utilizando um discurso direto para familiarizar o interlocutor sobre a situação vivenciada. O estatuto do discurso direto é uma forma da heterogeneidade mostrada e carrega a ilusão de que a fala

representa um ato linguageiro real, o que, nessa instância discursiva, não é uma construção do real. É uma alteridade fictícia?

Trata-se de um Eu evocando outro Eu (o do discurso direto), com a intenção de tornar-se o centro da cena enunciativa e, desse modo, ter o controle do que é enunciado. Esse efeito é necessário para que o professor se torne sujeito de seu discurso, buscando uma homogeneidade, mesmo que utópica, para pensar que é um sujeito uno e centrado, conforme o funcionamento discursivo: sujeito – centro – sentido.

Para dar dispersão ao seu discurso, o sujeito-professor utiliza repetidamente o pronome “você” nesse excerto.

(6) **Você** tem que obedecer os prazos, seguir os prazos, se **você** não tiver, não obedecer aqueles prazos, aí fica uma disciplina atrás da outra, se **você** não tiver todo dia ali, fazendo suas atividades ali direto, **você** tirar uma tarde, uma noite, todo dia pra **você** se dedicar a isso aí, ou até se tiver mais tempo, aí é muito bom, agora se não tiver, se **você** não tiver pouco tempo pra fazer isso, aí fica complicado (BM) (grifos nossos).

O pronome “você” retrata a segunda pessoa com quem o sujeito-professor está dialogando? Necessariamente, não, pois o entrevistador é um aluno, que não tem experiência na modalidade EaD, mas também pode representar qualquer sujeito que esteja na condição/posição de professor formador do NEAD e é uma referência ao próprio sujeito-professor. É o EU instaurando Outro-EU, ou seja, revela um funcionamento da alteridade do EU na segunda pessoa, por outro (*você*), que é parte constitutiva do EU. É um EU falando para si próprio num outro nível de pessoalidade. *Você* funciona e representa o EU.

O efeito da ilusão do distanciamento, ao utilizar a forma de segunda pessoa em vez da primeira, a liberdade de escolher uma pessoa em detrimento da outra, movimenta uma desidentificação de saberes com as obrigações estabelecidas no contrato com o NEAD, ou seja, uma desidentificação do sujeito universal, institucional (o NEAD, a UESPI), que estabelecem regras de funcionamento da modalidade EaD, com o sujeito enunciador (professor).

Nesse sentido, esse posicionamento deôntico do sujeito-professor aciona a memória discursiva, os pré-construídos, elementos já citados e reinterpretados por quem gerencia a EaD na UESPI. Sem o cumprimento dos prazos e sem dedicação ao trabalho, as atividades são interrompidas, ficam acumuladas e atrapalham a rotina de ações do NEAD. Essa voz do

sujeito-professor faz coro ao corpo docente e discente do Núcleo, portanto, é uma voz institucional. Daí o efeito deôntico do dito.

Nas sequências discursivas abaixo, o sujeito-professor reúne, em seu discurso, as marcas da subjetividade: *nós*, *eu* e *a gente*. Essa mesclagem de formas mostra que o sujeito transita na primeira pessoa, ora tendo a ilusão da individualidade enunciativa - pelo uso do *eu* e *a gente* -, ora pela inclusão de outros *eus* no discurso - linguisticamente representados por *nós* -.

(7) Na verdade, é uma concepção muito louvável, muito proveitosa, **nós** já temos vários exemplos aqui na UESPI de alunos de ensino a distância que já se encontram hoje fazendo mestrado e dando continuidade a um outro curso e como também, servindo ao próprio Estado [...] **Eu** pessoalmente, é, desenvolvi esse material, elaborei um material, livro, para Cálculo Aplicado as Ciências Biológicas, é, para o ensino a distância e foi muito bem aceito, muito bem proveitoso, e na verdade **a gente** teve um sucesso muito bom com relação com a aprendizagem, é, desses alunos, e **a gente** procura elaborar um material com fácil acesso, explicar, muito exercícios, e com a interatividade que **a gente** teve entre aluno e professor (CN) (grifos nossos).

(8) Essa ferramenta é muito proveitosa, ela é irreversível, agora, é, no meu caso, **a gente** teve uma parceria muito boa através dessa parceria de, através da plataforma de interatividade, **a gente** sempre resolveu exercício, **tiramos** dúvida e os alunos tiveram acesso à apostila ao livro que **a gente** elaborou e todas as dúvidas elas foram tiradas, foram, os exercícios que **a gente** não conseguiu resolver via plataforma **a gente** foi presencialmente nos polos (CN) (grifos nossos).

Em (7), *nós* instaura o sentido de sujeito plural, remetendo aos profissionais que constituem a UESPI: professores, alunos, servidores, e que as informações dadas são compartilhadas e asseguradas por esses profissionais. Já, em (8), o *nós*, implícito na forma verbal *tiramos*, se refere à primeira pessoa do singular, considerando que foi o sujeito-professor que tirou as dúvidas dos alunos e resolveu exercício. Nesse caso, a gramática normativa concebe que se trata de um plural de modéstia; da mesma forma acontece com a forma *a gente*, que também se remete à primeira pessoa em todas as ocorrências de (7) e (8).

O discurso desse sujeito-professor se dá em primeira pessoa com a forma predominantemente de segunda pessoa. É uma maneira de tentar evocar o outro no seu discurso, parecendo ainda compartilhar as ações realizadas pelo EU com o outro. A repetição de *a gente* pode expressar um sujeito que tende a agregar-se às pessoas, no caso, ao

entrevistador. Dessa forma, temos um sujeito que enunciativamente dialoga com o outro e incorpora, no seu discurso, formas da alteridade.

(9) E o ensino a distância, ele, os alunos têm muita dificuldade pra ter acesso a essa coisas, esses itens, quer dizer o ensino a distância ele tem essas vantagens, o professor de **você** aí conhece, o Isídio trabalha, ele é coordenador adjunto aí há muitos anos e ele sabe muito bem que na verdade o ensino a distância tem essa série de vantagens que o aluno do ensino regular não tem (CN) (grifo nosso)

Em (9), a forma da alteridade *você* refere-se ao aluno entrevistador, com quem o sujeito-professor se encontra enunciando, diferentemente das ocorrências (7) e (8). Nesse sentido, o aluno, no espaço de enunciação, compartilha do ato discursivo. Com a inserção de um coenunciador (no caso, Isídio), o sujeito-professor tende a fazer crer no aluno que o que o sujeito-professor está enunciando pode ser confirmado pelo outro (o coenunciador). Nesse caso, temos uma heterogeneidade mostrada marcada, o que evidencia que o sujeito se descentra e desloca a responsabilidade do dizer ao Eu e ao outro.

Em outro aspecto, o sujeito-professor CN se encontra assujeitado, pois ele tem a sensação e o desejo da verdade, mas precisa do outro para referendar o seu dizer, ou seja, o Eu se encontra na incompletude que *lhe* é condição necessária para ser sujeito discursivo.

O sujeito-professor enuncia diante de determinadas condições: o outro conhece a EaD (o coenunciador), o entrevistador é aluno do professor coenunciador, o sujeito-professor movimenta a memória discursiva construída na experiência com o trabalho na EaD, bem como há o acionamento aos elementos imaginários que tanto o sujeito-professor, entrevistador quanto o coenunciador fazem do objeto discursivo: a modalidade EaD. Tudo isso inscreve o sujeito-professor a conclamar para si uma posição tendente à formação discursiva a que pertence o coenunciador, pois esta se constitui como uma matriz de sentido que estabelece mais ou menos regras do saber e dever dizer pelo sujeito discursivo, estando imbricados os discursos do coenunciador e do sujeito-professor. Não se trata de uma dependência do Eu em relação ao outro, mas de um processo de incompletude do Eu.

4 Considerações Finais

Estudar a subjetividade em discursos de professores formadores proporcionou-nos descortinar a noção que é feita sobre o funcionamento das formas de personalidade

consagradas pela gramática normativa, que define o papel de cada uma. Entretanto, constatamos que, quando se trata de uma análise consubstanciada na construção do discurso, o sujeito tem a “liberdade” de usar formas diferentes para marcá-lo.

Então, nem sempre o *a gente* designa um sujeito coletivo; o *você*, a pessoa com quem o sujeito alocuciona; o *nós*, um sujeito plural. O valor subjetivo desses elementos se constitui no discurso e em determinadas condições de formação discursiva, ideológica e social.

Os sujeitos-professores se subjetivaram utilizando os pronomes *eu*, *nós*, *a gente* e *você*, buscando certa homogeneidade no discurso, embora saibamos que ela é ilusória, pois o outro é parte constitutiva do eu. O efeito de sentido acerca da unidade do sujeito é condição necessária para que este tenha a impressão de ter controle do discurso e de ser o centro a partir do qual são produzidos os discursos e os sentidos.

Constatamos ainda a construção do discurso de potenciais coenunciadores no próprio discurso do sujeito-professor, configurando assim a marca da alteridade instaurada pela heterogeneidade discursiva, o que causa o efeito do desejo de completude do sujeito e revela a inexistência de um discurso livre sem haver contaminação do discurso do outro. Nesse aspecto, o *eu* e o *não-eu* integraram o fio do discurso, tendo o primeiro a ilusão de ser o centro do dizer.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido (tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores). Porro Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhilovitch. **Estética da criação verbal** (tradução a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Cortez, 1988, 2008
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso** (coord. de tradução Fabiana Komesu). São Paulo: Contexto, 2004

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: FUCAMP - Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (orgs. Françoise Gadet; Tony Hak; tradução de Bethania S. Mariani et AL. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2010.